

UM SONHO DE PERTENCIMENTO: O FENÔMENO COMUNITÁRIO À LUZ DO PENSAMENTO DE ZYGMUNT BAUMAN

A DREAM OF BELONGING: COMMUNITY PHENOMENON IN THE LIGHT OF ZYGMUNT BAUMAN'S THOUGHTS

*Bruno Hermes de Oliveira Santos**

Cite este artigo: SANTOS, Bruno Hermes de Oliveira. Um sonho de pertencimento: O fenômeno comunitário à luz do pensamento de Zygmunt Bauman. **Revista Habitus:** Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 113-120, dezembro. 2014. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 31 de dezembro. 2014.

Resumo: No presente artigo buscou-se compreender, por meio da ótica do sociólogo Zygmunt Bauman, a emergência do fenômeno comunitário contemporâneo. A partir da seleção de algumas obras deste autor voltadas à significação do mundo atual e dos fenômenos particulares que nele viceja, pôde-se, então, concluir a centralidade da questão identitária no pensamento baumaniano para a compreensão do fenômeno em questão, bem como a imprecisão conceitual da palavra comunidade enquanto terminologia de referência às coletividades que se constituem no mundo líquido-moderno.

Palavras-chave: Bauman; fenômeno comunitário; comunidade; identidades.

Abstract: In this article we sought to understand through Zygmunt Bauman's perspective the emergence of the contemporary phenomenon Community. By selecting some author's works focused on the significance of today's world and on the particular phenomena that thrives on it we could then conclude the centrality of the identity's issue in baumaniano thought for understanding this phenomenon and also the inaccuracy conceptual of the word "community" as a reference terminology to collective groups that are emerging in the liquid modern world.

Keywords: Bauman; community phenomenon; community; identities.

Da multiplicidade de fenômenos sociológicos que emergem no mundo contemporâneo, o comunitário se destaca entre aqueles que mais vêm despertando a atenção, dentro e fora da academia. Não são poucos os grupos que hoje, num contexto de modernidade líquida, autoproclamam-se “verdadeiras” comunidades. E é neste sentido que, diante a intensidade da presença do termo comunidade e de seu uso cada vez mais indiscriminado, somos muitas vezes levados a acreditar estarmos presenciando a emergência de um fenômeno autenticamente comunitário.

No Brasil, o avanço do termo comunidade é muito evidente. Exemplo nítido deste avanço são as antigas favelas, hoje, reconhecidas como comunidades. No entanto, enganam-se

aqueles que se limitam a restringir a presença da comunidade apenas às áreas de periferia dos grandes centros urbanos. A comunidade também se faz presente nas entidades de classe, nas associações religiosas, nos grupos em defesa da natureza e de lutas por direitos civis; nos partidos políticos e até mesmo nos centros de formação acadêmica. Desta forma, apresentando uso corrente e polissêmico é cada vez mais evidente a ampla gama de grupos que hoje se abrigam sob o guarda-chuva do termo “comunidade”.

Na sociologia contemporânea, um dos autores que mais se destacam por dedicar um olhar atento à temática comunitária é o sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Dono de uma vasta produção acadêmica, ao todo 29 obras publicadas em idioma português, Bauman é popularmente reconhecido como um dos teóricos da pós-modernidade. Os trabalhos de Bauman se destacam, sobretudo, pela dedicação do autor em buscar apreender as razões do mal-estar cultural de nossa época, assim como compreender a universalização do medo e do sentimento de insegurança ontológica, derivados da troca da ordem e da segurança pela valoração da liberdade. Essa, aliás, uma das marcas do autor, a díade pendular segurança e liberdade e as questões resultantes da tensão entre estes dois valores que emergem e alteram substancialmente a dinâmica das vidas individuais.

Certo de que o fenômeno comunitário vem desafiar não só a análise sociológica, mas a ciência social como um todo, procurou-se, então, compreender este fenômeno através das reflexões de Bauman sobre a modernidade líquida. Tendo em vista a amplitude temática explorada pelo autor, optou-se, aqui, pelo seguinte recorte: primeiramente precisar o conceito de Bauman sobre comunidade e as prenoções de senso comum que, segundo o autor, orbitam ao redor do termo. Posteriormente uma passagem sobre algumas reflexões de Bauman a respeito da modernidade líquida, privilegiando, sobremaneira, a questão das identidades e a consequente crise de pertencimento no mundo atual.

1. A comunidade em Bauman

Dentre as reflexões de Bauman sobre os aspectos *sui generis* do mundo contemporâneo, a comunidade adquire papel nuclear no pensamento deste autor, sobretudo, por que se destaca como um dos principais conceitos pelos quais, segundo Bauman (2001), a vida humana se organiza. Cabe ainda ressaltar que as discussões em torno do conceito de comunidade em Bauman se prestam também como porta de entrada ao conjunto de questões que constituem e emolduram a sua modernidade líquida.

Talvez a mais popular tese do autor sobre comunidade refere-se a sua impossibilidade nos dias atuais. Para Bauman, falar em comunidade na modernidade líquida é um anacronismo, uma realidade impossibilitada dada a própria “natureza” das sociedades líquido-modernas, onde os padrões de dependência e interação não adquirem solidez. Num mundo líquido marcado, como afirma Bauman (2001), pelo esgarçamento do tecido social e pela derrocada das agências efetivas de ação coletiva, a comunidade, definitivamente, sobrevive apenas como entidade imaginária, incapaz de se realizar como realidade concreta.

No entanto, para melhor se compreender o significado da impossibilidade de comunidade no mundo atual, há de se reconhecer, primeiro, o posicionamento categórico assumido por Bauman frente ao conceito de comunidade, que em muito, sintoniza-se com alguns termos do conceito de comunidade fundado na tradição sociológica moderna. A saber, um destes termos remete a “natureza” do entendimento comunitário e tem como inspiração as contribuições do sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (1855-1936) relativas a clássica distinção entre dois tipos de arranjo social de natureza muito distinta: a comunidade (*Gemeinschaft*) e a sociedade (*Gesellschaft*).

Outra forte inspiração para as concepções de Bauman sobre comunidade remete as considerações do antropólogo e etnolinguísta estadunidense Robert Redfield (1897-1958), sobretudo no tocante a comunidade e alguns aspectos que a definem, tais como distinção, pequenez e autossuficiência. Na obra intitulada “*Comunidade*”, Bauman explora esses aspectos da seguinte maneira:

A escolha dos atributos feita por Redfield [para retratar a unidade comunitária] não é aleatória. ‘Distinção’ significa: a divisão entre ‘nós’ e ‘eles’ é tanto exaustiva quanto disjuntiva, não há casos ‘intermediários’ a excluir, (...) não há problema nem motivo para confusão – nenhuma ambiguidade cognitiva e, portanto, nenhuma ambivalência comportamental. ‘Pequenez’ significa: a comunicação entre os de dentro é densa e alcança tudo (...) E ‘autossuficiência’ significa: o isolamento em relação a ‘eles’ e quase completo, as ocasiões para rompê-lo são poucas e espaçadas. As três características se unem na efetiva proteção dos membros da comunidade em relação às ameaças a seus modos habituais (...). (BAUMAN, 2003, p.17 - 18).

Em linhas gerais, a comunidade em Bauman deve ser compreendida como sendo uma entidade capaz de transformar o entendimento comunitário em um dado “naturalizado”. Desta forma qualquer reflexão sobre o pertencimento anuncia sérios problemas ao grupo, colocando em “xeque” a fidelidade dos indivíduos que compõem a coletividade; uma fidelidade, a todo o momento, ameaçada pelo fantasma da liberdade de escolha. O que os grupos que hoje se abrigam sob o guarda-chuva comunitário fazem é, a todo o momento, prestar contas ou derramar-se lírica sobre os fundamentos que constituem o próprio grupo. Para Bauman, a comunidade “autêntica” é aquela que se mostra “evidente”, vindo sempre antes da escolha individual. Este posicionamento, levando-se em conta a interpretação do autor sobre as peculiaridades do mundo contemporâneo, é fundamental para a compreensão do conceito de comunidade com qual Bauman opera em suas análises sobre o mundo presente e conclui a impossibilidade de comunidade.

O processo de desmantelamento desta “autêntica” comunidade, em outras palavras, da comunidade baumaniana, não remonta ao mundo contemporâneo. É um processo que se inicia com a emergência do mundo moderno, quando com o advento da informática, a informação não mais se vê, obrigatoriamente, presa aos corpos dos portadores da mensagem, passando então a viajar numa velocidade muito além da capacidade dos meios mais avançados de transporte. Com a emancipação do fluxo de informação dos corpos, as barreiras físico-geográficas que mantinham as comunidades equidistantes e protegidas das ameaças “estrangeiras” se tornaram

vulneráveis, à medida que estas comunidades passaram a ser facilmente atravessadas, principalmente, por outras “comunidades de ideias” (BAUMAN, 2005). Desde então, para Bauman (2003) pensar em comunidade significa que,

[...] toda homogeneidade deve ser ‘pinçada’ de uma massa confusa e variada por via de seleção, separação e exclusão; toda unidade precisa ser *construída*; o acordo ‘artificialmente produzido’ é a única forma disponível de unidade. [A comunidade] Nunca será imune à reflexão, contestação e discussão; quando muito atingirá o status de um ‘contrato preliminar’, de um acordo que precisa ser periodicamente renovado, sem que qualquer renovação garanta a renovação seguinte. (BAUMAN, 2003, p.19)

Portanto, se a modernidade desferiu um golpe mortal na “naturalidade” do entendimento comunitário, a modernidade líquida, nas considerações de Bauman, significa o sepultamento definitivo da “autêntica” comunidade. Ao longo da modernidade, a única experiência bem sucedida e que conseguiu levar adiante o mais “autêntico” estatuto comunitário foi a comunidade nacional; êxito somente conseguido em razão de sua estreita associação com a figura do Estado moderno e suas atribuições.

2. O fetiche da comunidade

Independente de sua significação sociológica, o termo comunidade não escapa a apreensão do senso comum, tampouco deixa de carregar significados e produzir sensações que passam a ser compartilhados em comum pelo homem na vida cotidiana. Segundo Bauman,

Ela [a comunidade] sugere uma coisa boa: o que quer que ‘comunidade’ signifique, é bom ‘ter uma comunidade’, ‘estar numa comunidade’. Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que ‘anda em má *companhia*’. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a *sociedade*- o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más, mas não a *comunidade*. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa. (BAUMAN, 2003, p.07)

Dentro desta visão, fica claro que, para Bauman, existe uma noção comum sobre o conceito de comunidade. Uma noção que paira o imaginário coletivo e que concebe a comunidade como “lugar” de conforto, aconchego e, principalmente, de entendimento mútuo e compartilhamento fraterno.

Dentro deste consenso, a comunidade é percebida como ambiente naturalmente predisposto a incluir e acomodar relações interpessoais de caráter virtuoso, marcada por laços de lealdade sólidas e incondicionais. Relações assentadas, sobretudo, no desprezo a qualquer vínculo pautado pela lógica e princípio racional moderno das relações de custo-benefício. Nesta comunidade, certamente idealizada, os indivíduos supõem estarem sempre seguros, amparados pelo grupo e imunes a qualquer falha ou carência individual que não seja recompensada e prontamente remediada por aqueles que ali compartilham das mesmas intenções. A comunidade é percebida mais ainda como sendo o ambiente do não constrangimento, da

solidariedade e da fraternidade. Por quais razões ter vergonha de ser aquilo que se é dentro de um ambiente comunitário?

A comunidade, portanto, sobrevive no imaginário coletivo como o lugar de prazer. Um ambiente estimulante ao desenvolvimento das potencialidades individuais sempre conciliáveis com os interesses da coletividade. Uma percepção de que ela traz consigo um manual prático de sobrevivência, de como lidar com as incontingências e as eventualidades que persistem em sabotar as rotinas e os planos individuais de se levar uma vida satisfatória e repleta de prazeres. É a suposição de que a comunidade funciona como um oráculo, uma fonte de certezas em um mundo de incertezas, um *mapa-mundi* que ensina como viver. Esta é a “comunidade”, segundo Bauman, a que todos os indivíduos do mundo líquido-moderno sonham um dia encontrar.

Esta noção de “comunidade” que se abriga no imaginário dos indivíduos da modernidade líquida, num primeiro momento, parece se construir de forma diametralmente oposta a tudo aquilo que concebem como sendo a dimensão da sociedade. Se a comunidade é a realização do paraíso na Terra, a sociedade é percebida e sentida, cada vez mais, como sinônimo de riscos e perigos, de insegurança e incertezas. O mundo fora da “comunidade” o que promete é desabrigo, não um “lar comunal”. É um ambiente de armadilhas, de medo e insegurança.

À comunidade também se associada à ideia de pertencimento. Na atualidade não “ter” uma comunidade significa não pertencer, estar desprotegido e fadado a viver uma vida de riscos e incertezas. Por outro lado, pertencer, integrar um grupo e estabelecer vínculos e compromissos de longo prazo, significa ver-se comprometido com uma escolha, o que significa abrir mão de parcela da liberdade individual. Eis mais um dos paradoxos e sentimentos de ambivalência que habitam o mundo líquido-moderno: a comunidade representa um pêndulo projetado em direção ao valor segurança enquanto o não pertencimento comunitário representa a liberdade do indivíduo em relação aos vínculos e compromissos estabelecidos a longo prazo.

3. O problema das identidades e a crise de pertencimento

Para Bauman (2005) a identificação vem se tornando cada vez mais importante para os indivíduos em busca de um “todo” a que fazer parte, um fenômeno diretamente associado ao processo de “desencaixe” (GIDDENS, 1991) das identidades no mundo atual. Para melhor compreender este processo tão recente, mas não *sui generis* na história da modernidade, há de se ter claro que, dadas as condições do mundo contemporâneo, as forças que serviram ao longo da modernidade como pontos de orientação coletiva para a construção da identidade não mais estão obstinadas a empreender, nos dias atuais, semelhante tarefa. A identidade é única e exclusivamente um problema individual, cabendo apenas ao indivíduo empreender, com os recursos que lhe cabe, a captura da identidade e não mais construí-la com o cuidado os rigores necessários à construção de um projeto.

Se as identidades durante a modernidade sólida eram coletivizadas, na modernidade líquida estão cada vez mais individualizadas. São empreendimentos que não conseguem demonstrar a aparência de concretude e se darem por completos. A condição em que as identidades hoje se encontram o que fazem, na concepção de Bauman, é tornar patente a

fragilidade e a condição eternamente provisória e sempre inconclusa da identidade. Se durante a modernidade a incompletude da identidade era laboriosamente suprimida, no mundo contemporâneo, considera Bauman que,

As forças mais determinadas a ocultá-la perderam o interesse, retiraram-se do campo de batalha e estão contentes com a tarefa de encontrar ou construir uma identidade para nós, homens e mulheres, individual ou separadamente, e não conjuntamente. A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente (BAUMAN, 2005, p.22).

Na modernidade líquida as identidades perderam as âncoras sociais que antes permitiam que fossem experimentadas com “naturalidade” e dignas de serem consideradas inegociáveis. Para Bauman estas âncoras sociais podem ser traduzidas pelas antigas afiliações sociais tradicionalmente atribuídas, tais como raça, gênero, local de nascimento, nacionalidade, família e classe social. Filiações estas que não mais conseguem significar fonte segura e suficiente para que delas se extraiam identidades significativas. Em outras palavras são categorias que não conseguem abarcar as demandas por identificação do mundo atual, e com isso a tarefa de se construir a identidade torna-se um trabalho de responsabilidade exclusivamente individual e não mais facilitado pelas possibilidades antes oferecidas pelos tradicionais grupos de referência de identificação. A razão, segundo Bauman, para o anuviamento destes grupos como fonte significativa para as identidades deve-se, sobretudo, ao recente “colapso da hierarquia das identidades” (BAUMAN, 2005).

O desarranjo hierárquico entre as identidades fora causado em grande medida pela depreciação da identidade nacional e pela relativa perda de poder com a que a mesma tinha em suprimir toda e qualquer outra fonte de identificação que ameaçasse surrupiar-lhe a posição de absoluta. O poder e a influência do discurso nacional, no entanto, valeu-se principalmente da legitimação que lhe eram dados pela forte presença da figura do Estado e de seus aparelhos de coerção. Foram as instituições do Estado nacional moderno que durante longo período mostraram-se suficientemente capazes de ocultar a “natureza” evasiva das identidades. Estas instituições, além de subsidiar a construção identitária, tinham o poder de revigorar e conferir aos indivíduos a percepção de solidez a todas as demais identidades localizadas abaixo da hegemonia da identidade nacional.

Contudo, na atualidade, face à sinalização cada vez mais real de rompimento matrimonial entre Estado e Nação, a última passa a não mais exercer a mesma influência frente aos grupos de referência antes relegados a invisibilidade. Carente de autoridade e com um discurso cada vez mais desprovido de legitimação, a nação passa a ver-se entregue apenas ao poder do convencimento e persuasão, condição que, certamente, não lhe serve de garantia de êxito quando estreitamente associada à figura do Estado. Sem o seu braço político, a nação, hoje, vê reduzido o seu potencial mobilizador, à medida que se verifica a diminuição de sua capacidade decisória e, como consequência, a diminuição da capacidade de reprodução.

Portanto, com o “colapso da hierarquia das identidades” e a depreciação da identidade nacional, os indivíduos, em busca de identificação, encontram apenas uma “areia movediça” onde devem extrair com o máximo de segurança e certeza a tão necessária identidade. As identidades, em tempos de modernidade líquida, ganharam livre curso e podem ser cada vez mais livremente imaginadas. No limite, devem ser capturadas em pleno vôo, haja vista estarem “flutuando no ar”. Empreender tal tarefa contando única e exclusivamente com os esforços e recursos individuais, de fato, é uma missão a que nem todos são capazes de realizar, e mesmo para aqueles que possuem uma maior capacidade assertiva de se autoconstruir, a missão se mostra angustiante, cheia de incertezas, conduz muitas vezes a caminhos contraditórios e anuncia os horrores de uma busca por identificação a fim de sanar, individualmente, a crise de pertencimento dos dias atuais.

Com o processo de “desencaixe” das identidades individuais e, por conseguinte, a crise de pertencimento, cresce a demanda por novos grupos com os quais se possa extrair o sentimento de pertencimento e junto a isto a noção de totalidade. Em um mundo marcado pela crescente individualização dos sujeitos e pela “emancipação” do indivíduo dos vínculos sociais, o que os indivíduos esperam é, ainda que na duração de um *flash*, extrair destes grupos ferramentas mais industriais para o aparelhamento de suas identidades. Identidades que ao mesmo tempo representam a ambivalência que tanto afeta os indivíduos contemporâneos. De um lado, a procura pelo pertencimento. Do outro, o pesadelo do comprometimento e a redução da liberdade de, ininterruptamente, empreender escolhas. Um paradoxo que consome o indivíduo contemporâneo e que se localiza em diferentes níveis de consciência.

O recolhimento comunal, frente à volatilidade em que se encontram as identidades, passa, desta forma, a se afigurar como uma das mais sedutoras e oportunas estratégias para o (re)encaixe das identidades. O que querem os indivíduos na busca pela comunidade é a experiência de totalidade; uma experiência de que todos os habitantes do mundo líquido sentem falta de alguma forma, mas que não se encontra ao alcance.

Considerações Finais

Hoje, a busca individual para se alcançar a comunidade traduz-se como a busca pelo sentimento de pertencimento, algo que, no limite, em tempos de liquidez, é representativo da ânsia por segurança no mundo atual. Desta forma, pensar o fenômeno comunitário contemporâneo a partir da leitura de Zygmunt Bauman é reconhecer a existência de um desejo de comunidade, uma intencionalidade impulsionada pela necessidade sintomática de se aplacar o sentimento de insegurança individual.

Bauman vem demonstrar que a comunidade, hoje, é apenas uma abstração que reside e viceja nos sonhos individuais; uma entidade imaginária que não encontra no mundo líquido-moderno possibilidades reais de se manifestar *stricto sensu*, ou seja, ser uma realidade *a priori* com a capacidade de se “naturalizar” aos olhos dos indivíduos contemporâneos. Em um mundo onde fazer escolhas é uma fatalidade, a “comunidade” e o pertencimento não escapam aos juízos individuais, nem tampouco da ação viciante de empreender escolhas, inviabilizando, desta

forma, qualquer possibilidade de arranjo digno de ser reconhecido por Bauman como arranjo do tipo comunitário. Nesse sentido, “escolher” pertencer a uma ou outra comunidade, significa “abrir mão” de outros pertencimentos, ou, em última instância, limitar e escolher uma(s) identidade(s) em detrimento de outra(s).

Por outro lado, se há entre as mais distintas coletividades um crescente apelo pelo uso do termo comunidade, isto se deve, sobretudo, em razão das sensações e dos significados que a palavra comunidade ainda desperta no imaginário dos indivíduos contemporâneos e que, no mundo líquido-moderno, representam tudo aquilo que mais falta aos indivíduos contemporâneos: segurança e abrigo contra os efeitos do esgarçamento do tecido social. 🌐

NOTAS

*Bruno Hermes de Oliveira Santos é estudante de graduação do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). E-mail: bruno_hermes@hotmail.com.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1998.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.
- _____. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- REDFIELD, Robert. **The little community and peasant society and culture**. Chicago: The University Chicago Press, 1971.
- TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e Sociedade. In. MIRANDA, Orlando (org.) **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP, 1995.

Recebido em 21 de março de 2014

Aprovado em 29 de julho de 2014